

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

A Educação no Brasil e no Mundo: Avanços, Limites e Contradições 4



Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

A Educação no Brasil e no Mundo: Avanços, Limites e Contradições 4



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

E24 A educação no Brasil e no mundo [recurso eletrônico] : avanços, limites e contradições 4 / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2020. – (A Educação no Brasil e no Mundo. Avanços, Limites e Contradições; v. 4)

Formato: PDF
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
 Modo de acesso: World Wide Web
 Inclui bibliografia
 ISBN 978-85-7247-934-9
 DOI 10.22533/at.ed.349202001

1. Educação. 2. Sociedade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 370

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Ítaca

Se partires um dia rumo à Ítaca

Faz votos de que o caminho seja longo repleto de aventuras, repleto de saber.

Nem lestrigões, nem ciclopes, nem o colérico Posidon te intimidem!

Eles no teu caminho jamais encontrarás.

Se altivo for teu pensamento

Se sutil emoção o teu corpo e o teu espírito tocar

Nem lestrigões, nem ciclopes

Nem o bravio Posidon hás de ver

Se tu mesmo não os lewares dentro da alma

Se tua alma não os puser dentro de ti.

Faz votos de que o caminho seja longo.

Numerosas serão as manhãs de verão

Nas quais com que prazer, com que alegria

Tu hás de entrar pela primeira vez um porto

Para correr as lojas dos fenícios e belas mercancias adquirir.

[...] Tem todo o tempo Ítaca na mente.

Estás predestinado a ali chegar.

Mas, não apresses a viagem nunca.

Melhor muitos anos lewares de jornada

E fundeares na ilha velho enfim.

Rico de quanto ganhaste no caminho

Sem esperar riquezas que Ítaca te desse. [...]

(KAVÁFIS, 2006, p. 146-147)

Freud, em *O mal-estar da civilização*, obra renomada e publicada em inúmeras edições, defende que a civilização é sinônimo de cultura. Ou seja, não podemos desassociar a funcionalidade cultural em organizar um espaço, determinar discursos e produzirem efeitos.

Por vivermos em tempos em que só o fato de existir já é resistir, seria ingenuidade, tanto de assujeitamento, quanto social, acreditar que a cultura não vem produzindo a resistência, principalmente na diferenciação social. Entre estudiosos, um dos pontos mais questionáveis, entre pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento, é sobre o papel do professor como agente cultural, no espaço escolar, mas não podemos legitimar que a escola, bem como o professor, sejam os principais influenciadores. Há, no social, trocas dialógicas, enunciativas e discursivas que configuram e constituem o sujeito em meio sua adequação individual, ou seja, o acultramento perpassa por “muitas mãos”, instituições, sujeitos, ideologias que

atuam na formação estrutural.

De acordo com nossas filiações, determinamos culturas, determinamos não culturas, assim como afirma Bourdieu (1989), que responsabiliza essas legitimações aos próprios sujeitos que as vivem. Resistir seria, neste caso, transformar o mundo no qual estamos inseridos.

A escola precisa ser transformada, há muito tempo ela serve à legitimação da cultura dominante. É de fundamental relevância que a escola esteja cada vez mais próxima daqueles que são, de certa forma, o coração que a faz pulsar, da comunidade escolar que, ao garantir sua identidade cultural, cada vez mais se fortalece no exercício da cidadania democrática, promovendo a transformação da escola em uma escola mais humanizada e menos reprodutora, uma escola que garanta, valorize e proteja a sua autonomia, diálogo e participação coletiva. Assim, dentro dessa coletânea, buscou-se a contribuição do conceito de mediação como um possível conceito de diálogo para com as problemáticas anteriormente explicitadas.

O termo ensino e aprendizagem em que o conceito de mediação em Vigotsky (2009) dá início à discussão a uma discussão sobre mediação, que considera o meio cultural às relações entre os indivíduos como percurso do desenvolvimento humano, onde a reelaboração e reestruturação dos signos são transmitidos ao indivíduo pelo grupo cultural. As reflexões realizadas, a partir dos artigos propostos na coletânea, nos mostram que a validação do ensino da arte, dentro das escolas públicas, deve se fundamentar na busca incessante da provocação dos sentidos, na ampliação da visão de mundo e no desenvolvimento do senso crítico de percepção e de pertencimento a determinada história, que é legitimada culturalmente em um tempo/espço.

A escola precisa fazer transparecer a possibilidade de relações sociais, despertar e por assim vir a intervir nestes processos. Se deve analisar de maneira mais crítica aquilo que é oferecido como repertório e vivência artística e cultural para os alunos, bem como se questionar como se media estas experiências, ampliar as relações com a arte e a cultura, ao contrapor-se ao exercício de associação exercido muitas vezes pela escola nas práticas de alienação dos sujeitos diante de sua realidade.

Todos, no espaço escolar, atuando de maneira mais contributiva como lugar propício para ressignificação, mediação, produção cultural e diálogos culturais, que articulados junto a uma política cultural democrática podem vir a construir novos discursos que ultrapassam os muros que restringem a escola a este espaço de dominação, legitimado pelo atual sistema. A escola, dentro desta perspectiva, passa a ser concebida como um espaço de dupla dimensão. Dentro desta concepção, os processos de mediação potencializam a práxis de um pensamento artístico e cultural. É, atuando atrelado ao cotidiano, em uma perspectiva de mediação, que parte destes pressupostos apresentados que a escola passa a adquirir um carácter de identidade, resistente à homogeneização cultural. A escola pode causar novas

impressões, pode abrir seu espaço para novos diálogos e conversações.

É preciso, no entanto, despertar esta relação, desacomodar-se do que é imposto. Muitos são os fatores que teimam em desmotivar, no entanto, está longe desta ser a 90 solução para um sistema educacional que precisa de maneira urgente ser repensado. Ao acompanhar a ação nestas escolas, foi impressionante observar como a movimentação contagiava todos, até mesmo aos que observavam a movimentação e curiosos passavam pelo espaço, alunos de outras turmas apareciam para ajudar e tudo era visto com grande expectativa. Os alunos que participaram do processo aparentavam estar realmente coletivamente envolvidos, e isso pode ser observado nos depoimentos. O movimento observado na montagem, na realização da exposição e na ação educativa foi surpreendente e demonstra que a escola carrega realmente consigo algo muito precioso, que é pouco valorizado, o cotidiano real, o qual não está incluso em documentos, a parte viva da escola.

A presente ação demonstrou que a escola pode tomar rumos diferentes dos quais ela é designada pelo sistema. Aponta que um destes caminhos é apostar nos processos de mediação cultural que partam do cotidiano dos sujeitos que constituem este espaço. Assim, os processos de mediação cultural atrelados ao conceito de cotidiano não documentado atuam como exercício de partilha do sensível e colaboram na formação da práxis de um pensamento artístico e cultural. Esta concepção aqui analisada remete à tomada de uma nova postura frente ao ensino da arte e a concepção de espaço escolar assinala à construção de narrativas que possam contribuir para a construção de uma escola menos determinista e mais humanitária. Ao se realizar uma ação como esta proposta, o espaço escolar permite uma participação ativa e democrática entre seus autores, possibilitando a troca de vivências e experiências na comunidade escolar, promovendo um diálogo que potencializa a produção cultural dos alunos. A mediação dos trabalhos pelos alunos foi, segundo os depoimentos, algo muito rica e satisfatória para eles, os quais se mostraram maravilhados ao poderem partilhar de suas criações e apresentá-las à comunidade escolar.

Na ação educativa os alunos mediam o processo criativo e estes momentos de mediação, em absoluto, se configuraram como exercícios de partilha do sensível, que carregados de significados possibilitam a troca e o contato com o outro. Diante do que aqui se faz exposto, nada se tem a concluir como algo pronto e acabado, assim o que se faz é concluir uma etapa, que se transformará em múltiplas possibilidades de novos fazeres, desta teia de retalhos cabe, por agora, apreciar a parte que foi tecida e refletir, para sem muito tardar, sair em busca de outros retalhos que possa quiçá, um dia, tornar-se uma trama densa da práxis educativa e artística.

Boa leitura!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| LIBERDADE SEXUAL E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA CANÇÃO <i>MARIA CHIQUINHA</i> | |
| Solange Aparecida de Souza Monteiro Heitor Messias Reimão de Melo Paulo Rennes Marçal Ribeiro Maria Regina Momesso Débora Cristina Machado Cornélio Andreza de Souza Fernandes Monica Soares Carlos Simão Coury Corrêa Valquiria Nicola Bandeira Anna Clara de Oliveira Carling | |
| DOI 10.22533/at.ed.3492020011 | |
| CAPÍTULO 2 | 9 |
| AS SALAS DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS E SEU PAPEL COMO POLÍTICA DE INCLUSÃO | |
| Daniel de Oliveira Perdigão | |
| DOI 10.22533/at.ed.3492020012 | |
| CAPÍTULO 3 | 14 |
| AVALIAÇÕES DE BIOLOGIA: O QUE DIZEM ALUNOS DO TERCEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO | |
| Mariana Bolake Cavalli Bruno Garcia Pires Juliana Moreira Prudente de Oliveira | |
| DOI 10.22533/at.ed.3492020013 | |
| CAPÍTULO 4 | 26 |
| CELING (CENTRO DE LÍNGUAS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON): ENTRE DIÁLOGOS INTERCULTURAIS NA CONTEMPORANEIDADE E A INTERNACIONALIZAÇÃO DA UNIVERSIDADE | |
| Elisângela Redel Diana Milena Heck Verônica P. Coitinho Constanty | |
| DOI 10.22533/at.ed.3492020014 | |
| CAPÍTULO 5 | 39 |
| CINOTERAPIA: PRÁTICAS TRANSDISCIPLINARES EM EDUCAÇÃO E FONOAUDIOLOGIA | |
| Renata Gomes Camargo Dayane Stephanie Potgurski Luana Zimmer Sarzi Camilla Fernandes Diniz Fernanda Celeste Sánchez Weber | |
| DOI 10.22533/at.ed.3492020015 | |

CAPÍTULO 6 49

COBERTURA VACINAL CONTRA PAPILOMAVÍRUS HUMANO EM ADOLESCENTES NO ACRE

Ruth Silva Lima da Costa
Cliviane da Costa Farias
Emiliane Souza Bandeira
Eder Ferreira de Arruda
Aylana de Souza Belchior
Marília Perdome Machado
Jair Alves Maia
Mediã Barbosa Figueiredo
Priscila Su-Tsen Chen
Jediel Rezende de Melo Júnior

DOI 10.22533/at.ed.3492020016

CAPÍTULO 7 59

COREOGRAFIAS, CENOGRAFIAS, CORPOS ESCOLARES: ARGUMENTOS PARA PENSAR A FORMA DA ESCOLA

Ana Paula Lima Aprato

DOI 10.22533/at.ed.3492020017

CAPÍTULO 8 70

CRIANÇAS E A FORMAÇÃO LEITORA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Raimundo Nonato de Oliveira Falabelo
Daniela Santos Furtado
Sirlane de Jesus Damasceno Ramos

DOI 10.22533/at.ed.3492020018

CAPÍTULO 9 76

CSI IFSC - QUÍMICA FORENSE PARA DESVENDAR UM ASSASSINATO

Marcel Piovezan
Claudia Lira
Felipe de Oliveira
Gisele Serpa
Rafael Lapolli da Silveira Venera
Karen Aparecida Justen
Paulo dos Santos Batista
Renata Pietsch Ribeiro
Tula Beck Bisol
Berenice da Silva Junkes
Wilson Pedro Espindola

DOI 10.22533/at.ed.3492020019

CAPÍTULO 10 82

CURRÍCULO ADAPTADO: UMA PROPOSTA PARA ALFABETIZAR LETRANDO

Viviane Cristina de Mattos Battistello
Ana Teresinha Elicker
Rosemari Lorenz Martins

DOI 10.22533/at.ed.34920200110

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 11 | 91 |
| CURSO MICROSOFT EXCEL – BÁSICO AO AVANÇADO | |
| Natália Cardoso dos Santos Nardel Luiz Soares da Silva Jessyca Vechiato Galassi Lucas Casarotto Leonardo Backes Mosconi Nathália Cotorelli Aline Rafaela Hasper Daliana Hisako Uemura-Lima Paula Caroline Bejola Maria Antonia Urnau Daniela da Rocha Herrmann Lucas Natan Scheuermann | |
| DOI 10.22533/at.ed.34920200111 | |
| CAPÍTULO 12 | 97 |
| DISPOSITIVOS MÓVEIS COMO PROMOTORES DE INCLUSÃO SOCIAL | |
| Marilene Santana dos Santos Garcia Jaqueline Becker Willian Rufato da Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.34920200112 | |
| CAPÍTULO 13 | 104 |
| DO TEXTO AO HIPERTEXTO: UMA CONTRIBUIÇÃO DA NARRATIVA MÍTICA NA CONSTRUÇÃO DO CURRÍCULO E NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DOCENTE | |
| Everton Nery Carneiro | |
| DOI 10.22533/at.ed.3492020013 | |
| CAPÍTULO 14 | 115 |
| EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO BRASIL E A INFLUÊNCIA DE OTTO PETERS | |
| Nelson Batista Leitão Neto | |
| DOI 10.22533/at.ed.3492020014 | |
| CAPÍTULO 15 | 128 |
| EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA NO CONTEXTO DA ESCOLA: DIÁLOGOS E REFLEXÕES | |
| Amilton Gonçalves dos Santos | |
| DOI 10.22533/at.ed.3492020015 | |
| CAPÍTULO 16 | 140 |
| EDUCAÇÃO INFANTIL EM JORNADA DE TEMPO INTEGRAL: OLHARES, SENTIDOS, FALAS E PERCEPÇÕES INFANTIS | |
| Kenia dos Santos Francelino Katscilaine dos Santos Francelino | |
| DOI 10.22533/at.ed.34920200116 | |
| CAPÍTULO 17 | 146 |
| EDUCAÇÃO INFANTIL: DOCÊNCIA E PRÁTICAS DE FORMAÇÃO CONTINUADA | |
| Kenia dos Santos Francelino | |
| DOI 10.22533/at.ed.34920200117 | |

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 18 | 152 |
| EDUCAÇÃO PARA PROMOÇÃO DA SAÚDE: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UM ASSENTAMENTO DO MOVIMENTO DOS SEM TERRA, ÓROCO – PE | |
| Xenusa Pereira Nunes | |
| Gáudia Maria Costa Leite Pereira | |
| Francisco Assis Filho | |
| Xirley Pereira Nunes | |
| Lúcia Marisy Souza Ribeiro de Oliveira | |
| DOI 10.22533/at.ed.34920200118 | |
| CAPÍTULO 19 | 160 |
| EDUCAR NA CIDADANIA- UMA PROPOSIÇÃO RELEVANTE NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS DO CONTEXTO ESCOLAR | |
| Marivalda Evangelista dos Santos | |
| DOI 10.22533/at.ed.34920200119 | |
| CAPÍTULO 20 | 172 |
| ENSINANDO BIOLOGIA ATRAVÉS DO BOB ESPONJA | |
| Susete Wambier Christo | |
| Augusto Luiz Ferreira Júnior | |
| Ana Flávia Monteiro | |
| Marilise Silva Meister | |
| Denilton Vidolin | |
| DOI 10.22533/at.ed.34920200120 | |
| CAPÍTULO 21 | 179 |
| ESPÉCIES BOTÂNICAS E A INFLUÊNCIA DAS PRECIPITAÇÕES NO FORRAGEAMENTO DE <i>MELIPONA EBURNEA</i> EM RIO BRANCO, ACRE | |
| Carmem Cesarina Braga de Oliveira | |
| Francisco Cildomar da Silva Correia | |
| Rui Carlos Peruquetti | |
| DOI 10.22533/at.ed.34920200121 | |
| CAPÍTULO 22 | 184 |
| ESPECIFICIDADES DE APRENDIZAGEM DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: CONHECIMENTO DE PROFESSORES DE AEE | |
| Thalia Costa Medeiros | |
| Najra Danny Pereira Lima | |
| Mayanny da Silva Lima | |
| Thais Costa Medeiros | |
| Maria Helena Rodrigues Bezerra | |
| Francidalma Soares Sousa Carvalho Filha | |
| Marcus Vinicius da Rocha Santos da Silva | |
| Ava Fabian dos Anjos Lima | |
| Beatriz Zeppelini Bezerra de Menezes Nasser | |
| Alice Figueiredo de Oliveira | |
| DOI 10.22533/at.ed.34920200122 | |

CAPÍTULO 23 197

EXPLORANDO JOGOS COMO FERRAMENTA DIDÁTICA PARA A APRENDIZAGEM DE FRAÇÕES

Andreia Belter
Fernando Feiten Pinto
Ivana Letícia Damião
Júlia Gabriela Petrazzini da Silva
Elizangela Weber
Julhane Alice Thomas Schulz
Mariele Josiane Fuchs

DOI 10.22533/at.ed.34920200123

CAPÍTULO 24 206

FAUSEL E AUST: DOIS EXPOENTES DA LITERATURA

José Luís Félix D

OI 10.22533/at.ed.34920200124

CAPÍTULO 25 216

FECHAMENTO DE ESCOLAS DO CAMPO: UM CRIME CONTRA OS DIREITOS HUMANOS

Jenijunio dos Santos
José Guilherme Aguiar Assis
Rafael de Carvalho da Costa

DOI 10.22533/at.ed.34920200125

CAPÍTULO 26 223

FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES CAMPESINOS: O ENTRELAÇAMENTO ENTRE TECNOLOGIAS DIGITAIS PARA O ENSINO E EDUCAÇÃO DO CAMPO

Sabrina Stein
Charles Moreto

DOI 10.22533/at.ed.34920200126

CAPÍTULO 27 230

FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: VOZES DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Odaléa Barbosa de Sousa Sarmento
Ana Leide Rodrigues de Sena Góis
Jocyléa Santana dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.34920200127

CAPÍTULO 28 240

FORMAÇÃO DE CÉLULAS COOPERATIVA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA ARTICULADORA, NO PROGRAMA FOCCO, CÁCERES MT

Ana Karla Pereira Viegas
Cleide Aparecida Ferreira da Silva Gusmão
Daniely Takekawa Fernandes
Daiany Takekawa Fernandes
Josimeire Teixeira Carrara
Juliana Carol Braga Aponte
Karla Silva da Paixão
Rosane Andrade Vasconcelos

Thaysa Rodrigues da Silva Gonçalves

Thulio Santos Mota

DOI 10.22533/at.ed.34920200128

CAPÍTULO 29 243

**FORMAÇÃO DE PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL DO JALAPÃO -
TOCANTINS**

Odaléia Barbosa de Sousa Sarmento

Daniela Patrícia Ado Maldonado

Jocyleia Santana dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.34920200129

CAPÍTULO 30 246

**GÊNEROS TEXTUAIS EMERGENTES: O MEME E A BASE NACIONAL COMUM
CURRICULAR**

Nubiana Salazar

Paula dos Reis Lanz

Luciane Maria Wagner Raupp

DOI 10.22533/at.ed.34920200130

CAPÍTULO 31 255

**GRUPO DE PESQUISA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA: ALGUNS ENFOQUES E SUAS
CONTRIBUIÇÕES PARA FORMAÇÃO DE FUTUROS PESQUISADORES**

Renata Cristina Geromel Meneghetti

Augusta Teresa Barbosa Severino

Gabriela Castro Silva Cavalheiro

Julyette Priscila Redling

Marcela Aparecida Penteado Rossini

DOI 10.22533/at.ed.34920200131

SOBRE A ORGANIZADORA..... 266

ÍNDICE REMISSIVO 267

EDUCAR NA CIDADANIA- UMA PROPOSIÇÃO RELEVANTE NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS DO CONTEXTO ESCOLAR

Data de aceite: 03/01/2020

Marivalda Evangelista dos Santos

PIBID/ CAMPUS III- UNEB

(valhunes_evangelista@hotmail.com)

RESUMO: O artigo traz abordagens concernentes a prática da cidadania no contexto escolar, proporcionadas a partir das observações e intervenções realizadas pela bolsista ID do PIBID ao vivenciar a experiência docente é notado pela Pibidiana que os atores que constituem esse espaço vivenciam um distanciamento da cidadania em seu sentido pleno, cobra-se dos alunos, mas não lhes dão exemplo prático em suas ações. A pesquisa realizada buscou trazer aos educandos a compreensão do termo cidadania e sua relação com as práticas desses sujeitos na escola e sociedade, assim como, a importância de sua prática para constituição de um mundo melhor. Para alcance dessas proposições, buscou-se através de diálogos, pesquisas e atividades lúdicas abordar temas do cotidiano desses sujeitos e tratarmos a cidadania baseadas nas fundamentações teóricas de autores que abordam esse tema e constituem o arcabouço teórico da pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: CIDADANIA. PERTENCIMENTO. AUTONOMIA. DIREITOS

E DEVERES.

EDUCATE IN CITIZENSHIP - A RELEVANT PROPOSAL IN EDUCATIONAL PRACTICES IN SCHOOL CONTEXT

ABSTRACT: The article brings approaches concerning the practice of citizenship in the school context, provided from the observations and interventions made by the PIBID ID grantee. In experiencing the teaching experience, it is noted by Pibidiana that the actors that make up this space experience a distancing from citizenship in its full sense, charge students, but do not give them a practical example in their actions. The research carried out sought to bring to the students the understanding of the term citizenship and its relation with the practices of these subjects in the school and society, as well as the importance of its practice for the constitution of a better world. In order to reach these propositions, we sought through dialogues, research and playful activities to address everyday subjects of these subjects and treat citizenship based on the theoretical foundations of authors who address this theme and constitute the theoretical framework of the research.

KEYWORDS: CITIZENSHIP. BELONGING. AUTONOMY. RIGHTS AND DUTIES.

1 | INTRODUÇÃO

A escola tem sido um espaço de interações sociais com uma diversidade de sujeitos que vivenciam em seu dia a dia mudanças decorrentes dos grandes avanços alcançados pela luta de grupos sociais que através das suas intervenções proporcionaram a toda sociedade uma melhoria de vida para todo o contexto social, exercitando assim a sua cidadania de forma plena.

Apesar de todos esses avanços é notório que na maioria das vezes muitos integrantes dessa sociedade não compreendem o verdadeiro sentido da cidadania.

A origem da palavra cidadania vem do latim "*civitas*", que quer dizer cidade. A palavra cidadania foi usada na Roma antiga para indicar a situação política de uma pessoa e os direitos que essa pessoa tinha ou podia exercer. Segundo Dallari (1998, p.14):

A cidadania expressa um conjunto de direitos que dá à pessoa a possibilidade de participar ativamente da vida e do governo de seu povo. Quem não tem cidadania está marginalizado ou excluído da vida social e da tomada de decisões, ficando numa posição de inferioridade dentro do grupo social.

Trazendo essa discussão para o contexto escolar em se tratando de um tema tão relevante para formação de nossos educandos, percebo a urgência trabalharmos essa questão "cidadania", por observar nas ações desses sujeitos um distanciamento quando se trata das questões referentes ao exercício da cidadania.

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) "criança é até doze anos incompletos e adolescente alguém entre 12 e 18 anos completos". Mesmo se tratando de crianças e adolescentes esses sujeitos precisam ter a compreensão de que como sujeitos de direitos, eles também têm deveres, e suas ações afetam não só a sua vida, mas de toda a sociedade da qual fazem parte.

É no contexto escolar que a criança vivencia experiências na construção do conhecimento cognitivo, contudo isso não é o que lhe basta para viver em um mundo com tantas discrepâncias sociais, numa sociedade que exige tanto de seus sujeitos, sem ao menos lhes dar condições dignas de vida.

Não podemos ter uma escola que silencie acerca da questão educação para cidadania, para autonomia, para a criticidade, que permita que crianças e adolescentes cresçam ignorando seus papéis de importância para construção de um mundo melhor, porém que só poderão vivenciá-lo quando todos os envolvidos exercerem de forma responsável sua cidadania. Concernente a essa questão Ferreira (1994, p.103) afirma:

A educação para a cidadania precisaria empenhar-se em expurgar de cada homem as crenças, as fantasias, as ilusões e, quem sabe, as paixões, que em nada contribuem para o desenvolvimento de uma consciência crítica. Sob esse

enfoque, à ingenuidade, para não dizer a ignorância, é profundamente negativa, já que a pessoa ingênua é facilmente enganada pelos detentores do poder, movendo-se no espaço das crenças e opiniões, ela não consegue discernir o foco de sua dominação e acaba aceitando o discurso hegemônico do interesse geral criado pelo consenso. Por subestimar a importância de seu papel no jogo político da sociedade, o ingênuo abre mão de participar na solução dos conflitos, nas tensões sociais.

Assim procedendo, não chega a desenvolver a prática democrática necessária nas negociações desses conflitos, de modo geral sufocando sua insatisfação e descontentamento.

Ou seja, possibilitar espaços para o verdadeiro exercício da cidadania é permitir que esses sujeitos tenham acesso aos espaços de participação e tomada de decisão dos rumos da sociedade na qual estão inseridos.

Nos últimos meses venho me preocupando com algumas situações vivenciadas em minhas experiências como bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), tenho visto um espaço escolar muito distante de ser um formador naquilo que diz respeito à cidadania e outros aspectos da formação humana.

Ouvimos constantemente gestores, professores, merendeiras, auxiliares de disciplina e tantos outros envolvidos nesse contexto trazendo seus queixumes referentes aos educandos, pelo fato dos mesmos não estarem cumprindo com seus “deveres”, e com isso trazendo grandes prejuízos ao desenvolvimento das atividades realizadas e destruindo espaço escolar.

Não é de se admirar que os alunos estejam agindo dessa forma, pois na maioria das vezes a escola apenas está produzindo um discurso vazio referente à Educação para cidadania, quando suas ações estão sempre distantes dessa prática. Assim, o questionamento que fazemos é: Será que só os alunos precisam exercer sua cidadania? E os demais atores dessa conjuntura, como ficam, só nos discursos?

O que dizer da ação de cidadania do professor que vai para sala de aula apenas cumprir sua carga horária, ou do professor substituto que sempre está dizendo em seu discurso enfadonho: “Não suporto estar nessa sala de aula, prefiro está em uma escola particular, eu não suporto essa matéria que assumi?” Das Secretarias de Educação que contratam professores substitutos sem que seja feita uma avaliação do perfil desse professor para que ele possa desenvolver suas ações pedagógicas coerentemente? Ou do discurso do professor que não ensina nada, apenas manda os alunos copiarem o assunto e as atividades do livro didático? Dos responsáveis pela limpeza que com desculpa de baixos salários deixam o espaço escolar num estado de sujeira que não parece uma sala de aula? Dentre outros discursos tão cheios de violência que não valem nem a pena serem escritos nessas linhas reflexivas.

A escola precisa romper com a cultura escravocrata, clientelista e patrimonialista que constitui a formação da nação brasileira que gerou uma cultura de submissão, de

autoritarismo, com comportamentos de servidão, de mando e de privilégios, em que o indivíduo é desrespeitado em sua condição fundamental de pessoa humana, tratado como “objeto” de manipulação dos seus “proprietários”, enfim, não é considerado cidadão.

Ao estar no espaço escolar percebo questões não só relacionadas às atitudes dos docentes na ação pedagógica, visualizo um espaço escolar com uma distância abismal daquelas referendadas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) artigo IX, que se refere à Educação de qualidade, saliento que esse termo tão complexo “qualidade” é um conceito histórico, que se altera no tempo e no espaço, ou seja, o alcance do referido conceito vincula-se às demandas e exigências sociais de um dado processo histórico. De acordo com a UNESCO (2001, p.1 *apud* Gadotti 2013 p.2):

À qualidade se transformou em um conceito dinâmico que deve se adaptar permanentemente a um mundo que experimenta profundas transformações sociais e econômicas. É cada vez mais importante estimular a capacidade de previsão e de antecipação. Os antigos critérios de qualidade já não são suficientes. Apesar das diferenças de contexto, existem muitos elementos comuns na busca de uma educação de qualidade que deveria capacitar a todos, mulheres e homens, para participarem plenamente da vida comunitária e para serem também cidadãos do mundo.

Educação de qualidade está para além de um transmitir conhecimento. O que vejo nesse espaço são salas de aula que já começam o dia cheia de lixo, o espaço de sol (jardim que fica na sala de aula) parece o retrato do descaso dos direitos desses sujeitos, sem falar nas instalações sanitárias, só ao passar em frente sentimos o desrespeito para com todos que estão inseridos nesse espaço. Minha indignação não foi menor ao me deparar na semana seguinte com a sala de aula tendo em sua área de sol o mesmo lixo encontrado na segunda-feira (24/08/2015) acrescenta-se a esse o restante da semana.

Como conceber um espaço de interações sociais que é o espaço escolar se o mesmo é relegado a uma situação de descaso por parte daqueles que deveriam proporcionar aos educandos em relação a esse espaço um sentido de pertencimento, para Cousin (2010, p 25):

Pertencer, no sentido de identificar-se com um lugar ou um espaço, conhecer suas raízes, pode conduzir em direção à liberdade, autonomia, emancipação, a um sentido ontológico frente à vida, ao entorno, às pessoas. Nesta perspectiva, a construção do sentimento de pertencimento baseia-se no princípio da responsabilidade.

Estamos em um lugar, pertencendo a ele, mas sem termos consciência de nossas ações, dos fatos e acontecimentos locais e globais, e quais mudanças são necessárias. Portanto como a escola pode cobrar essas ações se o modelo que eles

vêm estão aquém das cobranças realizadas pela gestão escolar, pelos professores e todos os demais atores desse contexto?

Não é de se admirar que a escola seja uma reprodutora de práticas sociais muitas vezes totalmente fora de suas reais atribuições enquanto espaço de formação de sujeitos que deveriam ser autônomos. De acordo com Machado (2008, p.57) “todo processo de autonomia e de construção de consciência nos sujeitos exige uma reflexão crítica e prática, de modo que o próprio discurso teórico terá de ser alinhado à sua aplicação. ” A partir de uma educação com ênfase na autonomia alinhado ao discurso teórico os educandos terão possibilidades de atuar na sociedade da qual fazem parte como sujeitos de suas histórias.

É comum ouvirmos costumeiramente nossos educandos reproduzindo o mesmo discurso de nossos pais no passado quando se trata do bem público: “A escola e tudo que faz parte do seu espaço é dos governantes, então não temos nenhum compromisso de cuidar, preservar e zelar. ” Assim tem sido o discurso de nossos estudantes e na maioria das vezes de suas famílias que se encontram em total ignorância acerca de a quem pertence os bens públicos de verdade.

Enquanto a escola permanecer nessas práticas, e com isso deixando de ensinar e praticar sobre um tema de tamanha importância para a formação dos educandos como a “cidadania”, continuaremos vendo nossas escolas revelando a ignorância de um povo desconhecedor de seu verdadeiro papel de cidadãos e seus direitos para constituição de uma sociedade que lhes propicie as condições dignas de vida. Nesse sentido Bobbio (1999, p.349 *apud* Silva, 2000, p 32), define cidadania da seguinte maneira:

É o conjunto de normas de conduta e de organização, constituindo unanimidade e tendo por conteúdo a regulamentação das relações fundamentais para a convivência e sobrevivência do grupo social, tais como as relações familiares, as relações econômicas, as relações superiores de poder, também chamadas de relações políticas, e ainda a regulamentação dos modos e das formas através das quais o grupo social reage a violação das normas de primeiro grau ou a institucionalização da sanção.

A escola é um espaço de relações sociais onde se percebe uma gama de atores trazendo consigo suas vivências, seus conhecimentos de mundo, suas frustrações, seus medos, suas conquistas. Se não for pensado uma proposição para se lidar com todas essas questões, continuaremos batendo incessantemente na mesma tecla, repetindo os mesmos discursos que há tempos temos proferido.

As experiências vivenciadas no espaço escolar propiciam uma formação humana ampla, não apenas construção cognitiva, mas também oportuniza a ampliação de conhecimentos diversificados. Concernente a essa questão Velho (1987, p. 32) *apud* Dayrell (2011 p. 10) afirma:

Quanto mais exposto estiver o ator a experiências diversificadas, quanto mais tiver de dar conta de *ethos* e visões de mundo contrastantes, quanto menos fechada for sua rede de relações ao nível do seu cotidiano, mais marcada será a sua auto percepção de individualidade singular. Por sua vez, a essa consciência da individualidade, fabricada dentro de uma experiência cultural específica, corresponderá uma maior elaboração de um projeto.

De nada adianta termos em nosso currículo componentes curriculares como a “Cidadania”, se como formadores de opiniões não formos exemplos para nossos educandos, se não proporcionarmos aos mesmos essa compreensão por meio da prática, não apenas deles, mas nossa como docentes e todos os envolvidos nesse processo.

É perceptível a necessidade de alavancarmos projetos que tratem essa questão com desvelo, para construirmos uma cidadania, com criticidade, emancipadora. E nessa perspectiva de cidadania, sermos capazes de intervir, refletir, criticar, problematizar questões relacionadas à vida humana em todas as áreas. Referente a essas questões Demo (1994, p.108) explicita:

[...] a cidadania que almejamos é a competência humana de fazer-se sujeito de direitos, para fazer história coletivamente organizada na busca da emancipação humana. O oposto desta cidadania que almejamos é a pobreza política é a falta de conhecimento e reivindicação de direitos, bem como a falta de organização coletiva para reagir a determinadas condições.

Sem que se busque a ação coletiva e a mobilização social, os marcos legais que definem o campo do direito continuarão sendo apenas um conjunto de letras vazias escritas em aparatos legais que não se concretizam no cotidiano dos sujeitos que mais deles precisam.

2 | FUNDAMENTOS TEÓRICO-PRÁTICOS

A origem da palavra cidadania vem do latim “*civitas*”, que quer dizer cidade. A palavra cidadania foi usada na Roma antiga para indicar a situação política de uma pessoa e os direitos que essa pessoa tinha ou podia exercer. Segundo Dallari (1998, p.14):

A cidadania expressa um conjunto de direitos que dá à pessoa a possibilidade de participar ativamente da vida e do governo de seu povo. Quem não tem cidadania está marginalizado ou excluído da vida social e da tomada de decisões, ficando numa posição de inferioridade dentro do grupo social.

Não podemos ter uma escola que silencie concernente a questão educação para cidadania, para autonomia, para a criticidade, que permita que crianças e adolescentes cresçam ignorando seus papéis de importância para construção de

um mundo melhor, porém que só poderão vivenciar a melhoria desse mundo quando todos os envolvidos exercerem de forma responsável sua cidadania. Conforme Ferreira (1994, p.103):

A educação para a cidadania precisaria empenhar-se em expurgar de cada homem as crenças, as fantasias, as ilusões e, quem sabe, as paixões, que em nada contribuem para o desenvolvimento de uma consciência crítica. Sob esse enfoque, à ingenuidade, para não dizer a ignorância, é profundamente negativa, já que a pessoa ingênua é facilmente enganada pelos detentores do poder, movendo-se no espaço das crenças e opiniões, ela não consegue discernir o foco de sua dominação e acaba aceitando o discurso hegemônico do interesse geral criado pelo consenso. Por subestimar a importância de seu papel no jogo político da sociedade, o ingênuo abre mão de participar na solução dos conflitos, nas tensões sociais.

É relevante a escola pensar no seu papel na formação desses cidadãos. Para Durkheim (2004, p. 56):

A construção do ser social é feita em boa parte pela educação. É a assimilação pelo indivíduo de uma série de normas e princípios, sejam morais, religiosos, éticos ou de comportamento – que baliza a conduta do indivíduo num grupo. O homem mais do que formador da sociedade, é um produto dela.

Assim procedendo, não chega a desenvolver a prática democrática necessária nas negociações desses conflitos, de modo geral sufocando sua insatisfação e descontentamento.

3 | METODOLOGIA

Me deparei um desafio imenso: Proporcionar aos alunos do 5º ano B da referida escola momentos de reflexões concernentes ao tema cidadania, sensibilizando-os das suas responsabilidades como cidadãos, para só então participarem na construção de um mundo melhor.

Para desenvolver essa proposição foi necessário me sentir parte da Escola e a sentia parte de mim, afinal, apesar do pouco espaço de tempo que permaneço nela, esse tempo representa uma parcela bastante significativa do meu dia, afinal de contas, é nesse contexto e por meio das relações tenho estabelecido com a mesma, que estou tendo experiências para construção de minha formação docente.

Se não existimos separados das relações com outros seres somos, portanto, constituídos por nossas relações. Segundo Loureiro (2002, p. 73):

As relações sociais que se estabelecem na escola, na família, no trabalho ou na comunidade possibilitam que o indivíduo tenha uma percepção crítica de si e da sociedade, podendo, assim, entender sua posição e inserção social e construir a base de respeitabilidade para com o próximo.

A pesquisa foi realizada a partir de minhas observações no espaço escolar vivenciando a prática docente como aluna/bolsista do PIBID, percebendo questões discrepantes das ações dos sujeitos que se relacionam nesse espaço e essas relações não estarem sustentadas nos princípios da cidadania que harmonizam as relações sociais e contribuem para o desenvolvimento da sociedade. Após as observações, busquei trazer para sala de aula proposições com temas do cotidiano dos alunos baseadas nas fundamentações teóricas de autores que abordam esse tema. Percorrer esse caminho me deu condições para saber o nível de compreensão dos alunos, em seguida foram oportunizados debates, pesquisas, reflexões que trouxeram significativa oportunidade para ampliar os diálogos acerca de um tema tão relevante para a prática da cidadania no contexto escolar e estendê-las às suas ações na sociedade.

Nesta perspectiva, a proposição viável para tratarmos da cidadania com os alunos, valorizando as experiências e conhecimentos de cada sujeito, num esforço de superação da fragmentação do conhecimento adotado pela escola, torna-se relevante a problematização do cotidiano. Respeitando as diferenças de compreensões do tema proposto, possibilitando uma aprendizagem que seja significativa, ou seja, em que o sujeito se aproprie desse conteúdo de ensino por meio de uma elaboração pessoal do objeto a ser conhecido.

Após diagnóstico referente à compreensão do tema por parte dos alunos, propomos atividades visando a partir disso a formação para cidadania. Partimos da compreensão das dificuldades de leitura que a turma vem apresentando ao longo das análises feitas nas observações em sala, trazendo intervenções por meio dos gêneros literários para abordar o tema Cidadania, tendo em vista a superação do déficit de leitura, assim como, a inadequada compreensão do que é cidadania. De acordo com Lerner (2002, p. 18):

O necessário é fazer da escola um âmbito onde a leitura e a escrita seja prática viva e vital, onde ler e escrever sejam instrumentos poderosos que permitam repensar o mundo e reorganizar o próprio pensamento, onde interpretar e produzir textos sejam direitos que é legítimo exercer e responsabilidade que é necessário assumir.

Os discentes da turma nem de longe compreendem o termo cidadania e as ações que englobam esse tema, falam em direitos, contudo estão alheios a questão “deveres”, e ao serem interpelados sobre sua participação na sociedade enquanto cidadãos, ouço a seguinte resposta: “Eu, cidadão? Sou criança, nem sei o que é isso, e nem quero saber!”

Está claro que precisamos desenvolver as abordagens de maneira que possam partir da realidade desses sujeitos, tomando como recurso pedagógico a ludicidade, o termo lúdico etimologicamente é derivado do Latim “*ludus*” que significa jogo,

divertir-se e que se refere à função de brincar de forma livre e individual, de jogar utilizando regras referindo-se a uma conduta social, da recreação, sendo ainda maior à sua abrangência.

Dados os primeiros encaminhamentos as ações seguintes foram organizar material didático atrativo para só então obtermos a compreensão do tema abordado. As primeiras aulas permitiram que os estudantes tivéssemos a definição de alguns termos referentes à cidadania, dialogamos concernente a sua participação no contexto social, o que eles pensam da sociedade que fazem parte. Terminamos a aula na expectativa para próxima, onde os discentes pesquisaram os termos desconhecidos, trazendo reportagens de ações de cidadania para socializar em sala, assim, promover diálogos pertinentes relacionados ao tema e colocar em prática o que se aprendeu.

4 | RESULTADOS

As aulas seguintes transcorreram melhor que a semana anterior, pois os alunos participaram das dinâmicas: leituras, socialização do que aprenderam com um comportamento bem melhor que o da semana anterior, participamos de uma aula dinâmica, criativa, na busca de resultado desse aprendizado. De acordo com Soares (1998, p. 98):

Imaginação e criatividade são, então, pontos fundamentais em um projeto de educação que tenha como objetivo a formação de pessoas que não apenas aprenderam os conhecimentos elaborados pela humanidade como verdades absolutas e imutáveis, porém, que saibam refletir e que se sintam capazes de interferir sobre esses conhecimentos, reelaborando-os.

O interessante na hora da socialização é perceber que eles têm acesso a algumas informações, porém em sua maioria elas estão distorcidas, é nesse momento que devemos aproveitar e socializar a informação correta dando margem a discussões por parte dos discentes, e como eles gostam de falar, mas falam do ouvem os adultos falarem sem saberem ao certo se é verdade. Mesmo assim, ouvimos suas colocações sem desrespeitar suas opiniões, apenas mostramos o termo correto para cada tema abordado.

É louvável ver as participações espontâneas de nossos discentes, percebo que uma aula dinâmica, inovadora, deixa os educandos com vontade de aprender, um aprender com alegria, com vida, isso só se dá a partir da participação desses sujeitos não como expectadores, mas participantes ativos, dialogando com as questões para vida, segundo Freire (1991, p. 24),

“Uma escola democrática em que se pratique uma pedagogia da pergunta, em

que se ensine e se aprenda com seriedade, mas em que a seriedade jamais vire sisudez. Uma escola em que, ao se ensinarem necessariamente os conteúdos, se ensine também a pensar certo. ”

A escola tem um papel formativo, que ressalta a importância dos conteúdos na formação crítica dos educandos. Para o autor, a articulação entre conteúdos escolares e realidade dos discentes, considerando os conflitos sociais, permite que os alunos e alunas se percebam como agentes capazes de agirem e transformarem a realidade em que vivem.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os desafios que encontraremos em propor estes pressupostos são sem dúvidas colossais, visto que, estamos enfrentando um “desacreditar” na EDUCAÇÃO por parte de alguns profissionais que ao longo da caminhada tiveram seus sonhos solapados, ou aqueles que nunca tiveram realmente um compromisso com essa causa.

A atualidade não nos dá margem para continuarmos vivendo de decepções ou como profissionais descompromissados com a causa da Educação ver o rumo que essa sociedade tem seguindo, o tratar “educar na cidadania” sem sombra de dúvidas é imprescindível para revertermos o quadro de descaso para com os direitos dos cidadãos que enfrentamos nesse país.

O alcance desse objetivo dar-se-á mediante a compreensão de que não podemos mais ficar só no ensinar para a cidadania, é preciso educar na cidadania. É necessário assumirmos uma postura de cidadania como profissionais da educação, pois toda a comunidade escolar e comunidade local precisam estar comprometidas com essa causa, a formação de uma sociedade em que todos gozem dos mesmos direitos, ser cidadão é com certeza condição essencial para exercermos nossa humanidade.

Despertar para cidadania é uma proposição em construção, haja vista, que os resultados não dependem apenas das proposições feitas a partir das ações do PIBID no espaço escolar. A escola Paulo VI precisa propor projetos que viabilizem essas ações, e atentar para que toda comunidade escolar esteja participando de forma a alcançarmos resultados significativos.

Não poderemos mudar esse quadro de descaso da noite para o dia, mas o fazer a nossa parte está inserido na nossa ação de cidadania como profissionais que fazem e pensam a educação e compreendem que a mesma é norteadora das mudanças sociais necessárias para o desenvolvimento dessa nação.

Conhecimento é uma ferramenta emancipadora para libertação, quando às vendas do desconhecer caírem dos olhos dos sujeitos que estão no contexto

educacional de nosso país, acredito que haverá um amanhã com possibilidades para todos na a sociedade, sem que seja necessário à segregação: de um lado os que detém o poder, “os opressores”, do outro “os oprimidos”, acredito que não há mais tempo de ficarmos em nossos casulos de segregação, está mais do que na hora de haver uma eclosão, a “Educação” tem muito a contribuir com essas mudanças, apesar da mesma sozinha não deter a resposta para solução das mazelas de nossa sociedade

Essa mesma sociedade cenário de tantas conquistas que permitiram ao povo brasileiro engajar-se em outras tantas vitórias e ir a buscar seus ideais, não pode ficar dormindo em berço esplêndido enquanto questões essenciais à vida humana como a cidadania ficam relegadas aos artigos, parágrafos, incisos, alíneas das leis brasileiras, nas oratórias de nossos líderes políticos, e suas execuções jamais serem colocadas em prática na plenitude que o direito clama.

REFERÊNCIAS

- COUSIN, Cláudia da Silva. **Pertencimento ao lugar e a formação de educadores ambientais: um diálogo necessário.** Disponível em: <<http://www.epea.brepea2013-anais/pdfs/plenary0130-1.pdf>> Acesso em 06 de setembro de 2015.
- DALLARI, Dalmo de Abreu. **Direitos Humanos e Cidadania.** São Paulo: Moderna: (Col..Polêmica), 1998.
- DAYRELI, Juarez Tarcisio **A ESCOLA COMO ESPAÇO SÓCIO-CULTURAL:** Disponível em: <<http://arturmotta.com/wp-content/uploads/.../a-escola-como-espaco-socio.doc>> Acesso em 06 de setembro de 2015
- DEMO, Pedro, **Pobreza Política.** Campinas: Autores Associados, 1994.
- DURKHEIM, Émile. **As formas Elementares da vida religiosa.** 2ª. Edição. São Paulo: Ed. Paulus, 2004.
- SILVA, Aida Maria Monteiro. **Escola Pública e a Formação da Cidadania: possibilidades e limites** - Disponível em: <<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos/teses/2010/pedagogia/tcidadaniawesc.pdf>> - Acesso em: 06 de set. de 2015.
- FERNANDES, Eline de Castro- **A importância da leitura infantil para o desenvolvimento da criança-** Disponível em: <<http://meuartigo-brasilecola.com/educacao/aimportancia-literatura-infantil-para-desenvolvimento-htm>> Acesso em 06 de set. de 2015.
- FERREIRA, Nilda T. Apud SEVERINO, A.J. **Filosofia da Educação:** construindo cidadania. São Paulo: FTD, 1994.GADOTTI, Moacir. **Convite à leitura de Paulo Freire.** 2ª ed.; São Paulo: Scipione, 1991.
- _____, **Um legado de esperança.** São Paulo: Cortez, 2001.
- LERNER, D. **Ler e escrever na escola:** O real, o possível e o necessário. *Porto Alegre, RS: Art. Méd., 2002.*
- LOUREIRO, C. F. B. (Org.). **Cidadania e Meio Ambiente.** Salvador: CRA, 2003.

MACHADO, Rita de Cássia de Fraga. Autonomia. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (org.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SOARES, *Magda*. **Letramento**: um tema em três gêneros. *Belo Horizonte*: Autêntica, 1998.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abelha sem ferrão 179

Adolescente 50, 145, 161, 196, 221

Alfabetização 71, 72, 82, 84, 85, 88, 89, 100, 120

Alimentação saudável 152, 154, 155, 157, 158

Analfabetismo funcional 71, 97, 99, 100

Aplicativos educacionais 97

Aprendizagem 9, 12, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 28, 33, 34, 35, 36, 37, 40, 41, 46, 60, 61, 65, 66, 67, 70, 72, 73, 74, 75, 82, 83, 85, 86, 88, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 112, 115, 116, 117, 118, 119, 122, 125, 126, 134, 136, 138, 146, 150, 156, 167, 173, 184, 185, 187, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 204, 223, 225, 226, 227, 228, 229, 231, 233, 238, 240, 241, 246, 255, 256, 257, 258, 261, 262, 263, 264, 265

Aprendizagem móvel 97

Autonomia 10, 37, 70, 73, 88, 101, 125, 126, 136, 150, 160, 161, 163, 164, 165, 171, 185, 195, 240, 255, 257, 260, 263, 265

Avaliação 11, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 34, 35, 37, 47, 77, 83, 86, 88, 116, 119, 121, 128, 129, 134, 135, 136, 137, 139, 150, 162, 188, 196, 209, 227, 256, 258, 263

C

Cidadania 92, 133, 145, 160, 161, 162, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 247, 251, 252

Conservação 92, 172, 173, 174, 175, 177, 180

Contexto escolar 15, 82, 128, 129, 130, 131, 132, 135, 137, 138, 143, 160, 161, 167, 187, 194, 231

Criança 31, 42, 44, 46, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 84, 85, 141, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 151, 161, 167, 170, 185, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 199, 200, 212, 213, 214, 221, 232, 234, 235, 236, 237, 238

Cultura escolar 128, 129, 130, 131, 134, 137

Currículo 29, 60, 62, 82, 83, 86, 87, 88, 89, 90, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 112, 114, 128, 129, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 141, 148, 151, 165, 219, 255, 260, 261, 262, 264, 265

Currículo adaptado 82, 83, 87

D

Desenho animado 172, 173, 174, 175, 177, 251

Design de inclusão 97, 102

Direitos e deveres 160

Docência 146, 147, 149, 150, 162, 184, 197, 198, 245

E

Educação contextualizada 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139

Educação inclusiva 9, 10, 11, 82, 83, 89, 151, 185, 186, 191

Educação infantil 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 148, 149, 150, 151, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 243, 244, 245

Ensino 1, 10, 12, 14, 15, 16, 17, 19, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 41, 46, 48, 60, 64, 67, 70, 71, 72, 74, 76, 77, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 87, 88, 92, 112, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 125, 126, 129, 131, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 141, 142, 143, 146, 149, 150, 151, 167, 173, 174, 177, 178, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 204, 205, 217, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 243, 245, 247, 248, 252, 254, 255, 256, 257, 258, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266

Ensino de biologia 14

Extensão 1, 26, 27, 32, 33, 35, 40, 41, 42, 47, 52, 61, 68, 77, 80, 91, 92, 93, 119, 120, 152, 153, 158, 225

F

Floração 179, 181, 182

Formação 4, 5, 10, 12, 28, 30, 34, 36, 38, 41, 64, 66, 70, 73, 74, 75, 82, 92, 95, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 112, 113, 120, 121, 122, 136, 146, 147, 149, 150, 151, 161, 162, 164, 166, 167, 168, 169, 170, 187, 189, 190, 191, 192, 194, 195, 198, 199, 200, 201, 207, 214, 218, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 243, 244, 245, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 263, 264, 265, 266

H

Hipertexto 104, 106, 107, 110, 111, 112, 254

I

Informática 92, 93, 95, 96, 107, 117, 120, 263, 265

Instrumentos avaliativos 14, 15, 18, 21, 22, 24

L

Leitura 27, 28, 29, 34, 35, 42, 44, 45, 46, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 84, 85, 87, 88, 89, 90, 97, 98, 99, 101, 102, 107, 111, 130, 167, 170, 211, 212, 225, 226, 228, 233, 235, 236, 238, 247, 258

Letramento 34, 35, 82, 84, 89, 103, 171, 247

Linguagem 2, 3, 5, 16, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 70, 71, 72, 73, 85, 87, 100, 101, 106, 107, 108, 112, 113, 114, 130, 137, 192, 205, 248, 249, 250, 253

M

Meliponicultura 179

Metodologias ativas 97

Metodologias de ensino 77, 200, 230

N

Narrativa mítica 104, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 113

P

Papilomavírus humano 49, 50, 51, 56, 57, 58

Percepções infantis 140

Pertencimento 30, 98, 136, 160, 163, 170, 244
Políticas públicas 9, 10, 153, 222, 236, 265
Práticas de formação continuada 146, 150, 237
Promoção da ciência 77
Promoção da saúde 152, 156, 157, 158

Q

Química forense 76, 77, 78, 80

R

Recurso polínico 179

S

Salas de recursos multifuncionais 9, 10, 187, 196

Software 92, 93, 120, 182, 227, 262

T

Tempo integral 140, 141, 142, 143, 144, 145

Terapia assistida por animais 39, 47

Texto 34, 35, 40, 58, 60, 63, 64, 67, 68, 73, 104, 106, 107, 110, 111, 115, 130, 138, 210, 213, 214, 228, 245, 250, 251, 254, 257

Transdisciplinaridade 39

V

Vacinação 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58

Z

Zoologia 172, 174, 177

